

ECO-KASHER



O Código Alimentar Judaico na Ótica Ambiental e de Acerto de Mundo

MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: Série Textos & Papers 1

ECO-KASHER:

O Código Alimentar Judaico na Ótica Ambiental e de Acerto de Mundo ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Se comer pode dividir, comer em comunhão é o supremo gesto da solidariedade! Nesta perspectiva, a partir das tradições judaicas e referindo-se à Torah do Pentateuco, o autor propõe repensar a prática da kashrut, situando-a no contexto de uma ética ecológica e ecumênica, contribuindo assim para o estabelecimento, nesta mesma terra, de um tempo novo.

Trata-se de máxima antropológica bastante conhecida a que estabelece a possibilidade de conhecimento *do outro* apenas na eventualidade de falarmos sua língua ou usufruirmos sua mesa.

Comer, assim como beber, são atos culturais e religiosos de primeiríssima grandeza por serem denotativos das diferenças que distinguem os grupos humanos entre si, explícitas quando percebemos quão variável pode ser a pauta de alimentos tidos como adequados para esta ou aquela herança cultural.

Este texto pretende contribuir para com um debate pontual da *kashrut* - o tradicional conjunto de leis dietéticas estipuladas pela religião judaica. Mais do que qualquer outro regulamento do código de pureza, a *kashrut* (כַּשְׁרוּת) ³ é a mais óbvia presença do sagrado no cotidiano judaico, pois se presta a satisfazer as fantasias do estômago durante todos os dias, assim como os laços e os rituais que associam os humanos ao Altíssimo (Figura 1).

É importante assinalar, já de princípio, a falsidade da argumentação que considera a discussão sobre a *kashrut* como um debate paroquial ou bairrista, mais um dos sinais do exclusivismo judaico. Como veremos, o tema permite repensar os versículos que unem o ato de alimentar-se com a esfera do sagrado, da aproximação com *D'us* ⁴.

Trata-se, sem exagero, de uma discussão provocadora num mundo no qual as atitudes cotidianas desvincularam-se crescentemente de quaisquer significados transcendentais ou cósmicos, inserindo-se na trivialidade do laico.

Outra advertência recairia em alertar a respeito da multiplicidade das manifestações constitutivas do judaísmo. Particularmente, essa assertiva é válida para recordar que a

proposição de um “judaísmo autêntico” não faz nenhum sentido, ao menos da forma como a ortodoxia judaica gosta de conceituar.



FIGURA 1: Mosaico representando as Sete Espécies (hebraico: **שבעת המינים**, *Shiv'at HaMinim*), grupo de sete produtos agrícolas, dois grãos e cinco frutos, listados na Bíblia hebraica como produtos especiais da Terra de Israel. Este grupo, que inclui o trigo, a cevada, a uva, figo, romãs, azeitonas e as tâmaras, eram oferecidos ao Templo de Jerusalém. Espécies prestigiadas pela dimensão do sagrado, são atualmente ingredientes cômicos da cozinha israelense contemporânea (Fonte: < <http://eilonmosaics.com/en/product/the-menorah-and-the-seven-species/> >. Acesso: 10-07-2017).

Na prática, não existe corrente “mais judaica” do que outra pelo simples fato de que as vertentes do judaísmo - a ortodoxa, a liberal e a reformista -, são representativas de uma forma de interpretação da tradição, sempre autênticas em seu âmbito, quanto a analisar, cultuar e sentir uma herança religiosa comum.

Pensar a pluralidade é fundamental quando o assunto em pauta é a *kashrut*. Isto porque dificilmente podemos aceitar que um único argumento seja detentor da verdade. Pelo contrário, pensamos que o reconhecimento da falibilidade de nossa argumentação possa constituir um pequeno arremedo na direção da verdade, que queremos evidenciar numa gama de novas possibilidades, numa ótica planetária e humanista.

Mas façamos antes uma pequena incursão sobre o que vem a ser a *kashrut*. Partindo do código de pureza judaico, a *kashrut* diz respeito às leis dietéticas discriminando o que seria adequado ou apropriado para consumo - isto é *kasher* (כשר) em hebraico ⁵, *kosher* em iídiche ⁶ -, do que seria seu antônimo, proibido ou interditado ao consumo, qual seja *terefah* ou *treif*, respectivamente na língua hebraica e em iídiche (Figuras 2a e 2b).



FIGURAS 2a e 2b: Acima, dois dos símbolos e logos mais utilizados em rótulos para identificar a certificação Kasher dos alimentos. A letra “U” plotada num círculo é o símbolo adotado pela União Ortodoxa. A letra “K”, ou então a palavra Kasher em caracteres latinos ou em hebraico, é também de largo uso.

A familiarização com este regulamento dietético constitui parte ponderável do cabedal do conhecimento rabínico, visto ser indissociável da vida judaica em seu sentido mais amplo. Para o judeu tradicional, as leis dietéticas, inspiradas na *Torah* (תּוֹרָה) ⁷, são encaradas como um símbolo ativo da fé e da identidade judaica, comparáveis, por exemplo, à circuncisão.

Dentre as interdições mais conhecidas estão aquelas que vedam a ingestão (e mesmo o simples contato) com animais não possuidores de casco fendido e não-ruminantes (caso bastante conhecido do porco); peixes sem escama (peixes de couro); a mistura de leite com carne, etc.

Estas interdições, explicitadas nestes casos no *Devarim* (דברים, ou *Palavras*, Livro do Deuterônomo do Pentateuco), foram enriquecidas ou ampliadas durante vários séculos, fazendo parte de uma tradição oral também reconhecida como válida pelos rabinos.

Note-se de igual modo que do ponto de vista cultural e sociológico, a *kashrut* funcionou como uma “barreira” que resguardou o povo judeu em seu pensamento, em seu sentimento e em sua prática enquanto judeus.

O fato de as leis dietéticas centrarem-se de modo significativo nos exemplares da fauna justifica os que prescrevem a *kashrut* como se reportando a práticas totêmicas, com seus animais puros e impuros, ou à noção de *tabu*. Por esta razão, o historiador e arqueólogo judeu francês Salomon Reinach, chegou a definir a *kashrut* como uma reminiscência do “barbarismo primitivo”.

Outra ordem de argumentação contrária à *kashrut* no meio judaico foi resultado direto do *status* de cidadania concedido aos judeus a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem, emitida pela Assembleia Nacional da Revolução Francesa no ano de 1789 e posteriormente confirmada por Napoleão.

Na sequência à emancipação dos judeus na França, a integração - ou assimilação - dos judeus nas sociedades ocidentais ocasionou o abandono da *kashrut* por significativo segmento de judeus, praticantes ou não da religião.

Nos Estados Unidos, o judaísmo liberal entendeu a observância da *kashrut* como inadequada aos “novos tempos”. A este respeito, ponderou o rabino reformista norte-americano David Philipson: “Neste país, com nosso ambiente livre, o judaísmo tradicional do *Shulchan Aruh* ⁸, não tem nenhum sentido”.

Fora do campo religioso há também toda uma gama de conceituações de cunho racionalista, típicas do judaísmo laico, propositivas do fim da *kashrut*. Nesta perspectiva, a proibição da carne de porco seria válida apenas para a antiguidade, quando as regras de higiene não eram conhecidas e inexistia a zootecnia de criação de gado estabulado.

Por sua vez, outras interpretações frisam que esta proibição seria inócua já no Sinai, pois sabidamente o deserto não constitui nicho ecológico apropriado para suínos abjetos e impuros.

Dito de outro modo, foi vedado o consumo da carne de um animal que não tendo como sobreviver num ambiente árido e desprovido forração úmida, estaria poupado de ser devorado por incautos adeptos do código alimentar de pureza.

A estas afirmações podemos contrapor uma série de contra-argumentos. Ora, alguém poderia imaginar enviados de *D'us* debruçando-se sobre manuais de biologia, relatórios sobre patógenos ou de criação pecuária para decidir o que seria *treif* (ou seja, impuro) ou não?

No geral, os arrazoados elencados têm em comum a predisposição em interpretar a *kashrut* a partir de parâmetros soberanamente estranhos aos tempos de outrora, nos quais a noção da atribuição do sagrado não ocorria por intermédio de prismas científicos e que por definição, não poderia ser esgotada a partir de avaliações racionais.

Retenha-se: atos religiosos são *a priori* transcendentais. Logo, não são passíveis de mera instrumentalização pela razão humana. Por isso mesmo, entendemos que a *kashrut* não é questão que se restrinja a pareceres favoráveis ou contrários. Conforme assinalamos, comer e beber constituem atitudes inscritas nos mais diversos códigos culturais, não se circunscrevendo, em absoluto, à religião judaica.

É pertinente, por exemplo, citar uma “*kashrut* esquimó” que veda o consumo simultâneo de peixes de água doce com os da água salgada. O candomblé brasileiro, por sua vez, é bastante conhecido por toda sorte de prescrições alimentares constitutivas dos seus rituais sagrados.

Quanto ao islamismo, este importou uma série de interdições alimentares do judaísmo, também apresentando ponderável acervo de regras alimentares, normatizadas no código *halal*, estipulando a pureza na alimentação dos fiéis muçulmanos.

Rubrique-se que mesmo o cristianismo, que surge historicamente rompendo com o código de pureza tradicional judaico, não se esquivou de, por inversão, construir outra normatização, em que justamente se estabelece como eixo o não-ser participante do código anterior, subscrevendo também práticas culinárias próprias para as festividades e comemorações.

Seria interessante, pois, procurar um entendimento mais rico da *kashrut* a partir de uma máxima - *letaken olam ba-malchut shedayenu* (isto é, acertando o mundo para instaurar

uma era de suficiência), que se inscreve nas preocupações dos segmentos do judaísmo preocupados com a renovação da tradição. Assim sendo, poderíamos indagar:

- Sabendo-se que o cereal é *kasher*, ainda assim seria puro o pão produzido com trigo que foi roubado?
- Também seriam *kasher* frutas e legumes produzidos com o trabalho mal pago (ou mesmo semiescravo) dos peões agrícolas?
- Seria *kasher* a carne do animal que, embora aceito pela *kashrut*, tenha sido anteriormente submetido à manipulação genética?
- Salgadinhos flavorizados com sabor artificial de bacon e outros tentadores sabores *treif*, seriam *kasher*?
- E o leite e subprodutos, ainda que resguardados de quaisquer contatos com carne, permaneceriam *kasher* quando empapados de agrotóxicos, inseticidas e de substâncias conservantes reconhecidamente cancerígenas?
- Comercializar produtos regrados pela *kashrut* oferecidos a preços abusivos, é uma atitude *kasher*?
- Promover a pesca predatória de peixes com escama, esgotando as espécies pela exploração além da capacidade de suporte do ambiente, pode ser carimbada como *kasher*?
- Produzir qualquer alimento *kasher*, utilizando tecnologia lesiva aos interesses das futuras gerações e do meio ambiente seria, pois compatível com a *kashrut*?

Tais perguntas incorporam a preocupação de procurar um novo entendimento para uma prática tradicional, a *kashrut*, que não pode, no mundo de hoje, restringir-se ao mero formalismo ou a uma referência sentimental.

Em suma: um judaísmo preocupado com o *Tikun Olam* (תיקון עולם), acerto do mundo ou construção da eternidade ⁹, deve encontrar sua função no mundo moderno inspirando-se numa postura ética que contribua para o estabelecimento de novos tempos num mesmo Planeta.

Assinala o rabino norte-americano Arthur Wascow que desde milhares de anos “os judeus acreditam que comer importa. Importa de verdade, para *D'us*, para o cosmos, para a terra e para a história” ¹⁰. E Wascow também adverte que no mito judaico da criação a história humana se altera com a violação da ordem divina sobre não saborear o fruto do Éden.

Comer, desta forma, pode ser a origem de problemas sérios. Mas também pode ser uma redenção: Que o diga o maná do Sinai! Daí o motivo de pensar com insistência e paixão sobre um consumo ético, atento à saúde humana e ao ambiente planetário ¹¹.

E confira-se: alimentar-se igualmente suscitaria, numa declinação ecológica, uma ótica *oiko-mênica*. É perfeitamente possível contemplar os deleites dos cardápios numa mesa comum, na qual as singularidades de cada grupo estejam representadas e respeitadas.

Nesta mesa, todos em conjunto poderão celebrar a união em prol da instauração da justiça, do respeito à vida, à biodiversidade e aos direitos das minorias. Isto porque se comer pode dividir, comer em comunhão é o supremo gesto da solidariedade!

Shalom, Salaam, Paz!



Mural A Oliveira de Jerusalém, obra da ceramista e *designer* armênia Marie Balian, de Jerusalém (<<https://armenianceramics.com/ceramic-tile-murals/the-olive-tree-tile-mural/>>. Acesso: 10-07-2017).

¹ **ECO-KASHER: O Código Alimentar Judaico na Ótica Ambiental e de Acerto de Mundo** é um texto originalmente publicado sob o título *Eco-Kasher e Oiko-menismo* pela Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA), edição bilíngue nas línguas portuguesa e castelhana, dedicada ao Pentateuco, nº. 23, páginas 22-25, coedição Editora Vozes e Sinodal, Petrópolis e São Leopoldo (RJ/RS), 1996. A presente edição deste material foi revisada, reconfigurada editorialmente e levemente ampliada, incluindo também novas imagens e predicados estilísticos. Edição masterizada em 2017 pela **Editora Kotev** para fins de acesso livre na Internet (Kotev ©), incorporando cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF.

² **Maurício Waldman** é jornalista, consultor, editor, professor universitário e antropólogo. Ambientalista histórico do Estado de São paulo, participou em movimentos antirracistas, ambientalistas, assim como no ativismo ecumênico. Foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador do Meio Ambiente de São Bernardo do Campo e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo da capital paulista. Waldman atuou no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e como colaborador nas publicações Revista Tempo & Presença (CEDI), Jornal O São Paulo (Cúria Metropolitana de São Paulo), na Agência Ecumênica de Notícias (AGEN) e no jornal Cotexto Pastoral. Autor de 17 livros, 27 *e-books* e de 700 artigos, *papers* e pareceres de consultoria, na trajetória de acadêmica Waldman constam: graduação em Sociologia (USP, 1982), mestrado em Antropologia (USP, 1997), doutorado em Geografia (USP, 2006) e três pós-doutorados: Geociências (UNICAMP, 2011), Relações Internacionais (USP, 2013) e Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato email: mw@mw.pro.br

³ Em hebraico, a palavra *Kashrut* significa apropriado ou correto.

⁴ Entre os judeus é vedado pronunciar o nome do Altíssimo. Assim, *D'us* é uma forma obliterada de se referir ao Supremo Criador entre os judeus de língua portuguesa, cujo nome primordial é inefável e impronunciável.

⁵ Consensualmente, os hebraístas concordam que no hebraico antigo o termo *Kasher* significa vantajoso e adequado.

⁶ Idioma derivado do alto-alemão do século XIV, somado a elementos hebraicos e eslavos, que se transformou na língua materna por excelência dos judeus da Europa Central e do Leste.

⁷ A *Torah* é a referência emblemática do judaísmo, significando *instrução* ou *ensino*. Basicamente, o termo reporta aos chamados cinco livros de Moisés, reconhecidos como Pentateuco na terminologia cristã. A *Torah* constitui a origem identitária do povo judeu.

⁸ O termo é a transliteração do hebraico שֵׁלֵחַן עֵרוּךְ (“mesa posta” ou “pronta”), título de obra consagrada ao código *kasher* (1563), de autoria do sábio sefaradita Yosef Caro, de Safed, considerada a mais aprimorada compilação sobre as leis dietéticas judaicas clássicas.

⁹ Esta expressão define o conceito judaico de justiça social, assim como a aspiração de proceder de modo construtivo e benéfico para com o mundo.

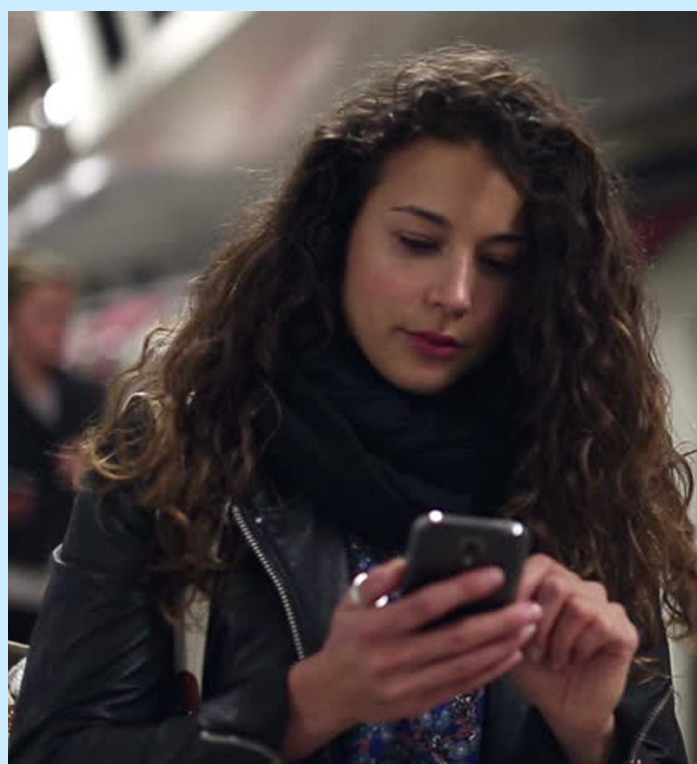
¹⁰ Arthur Wascow, *O Que é Eco-Kasher*, in *Boletim Pardes*, nº. 5, Abril de 1995, página 11.

¹¹ Maurício Waldman, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil*, Editora Contexto, São Paulo (SP), 1992.

TÍTULOS DE MEIO AMBIENTE NA EDITORA KOTEV



SAIBA MAIS: http://kotev.com.br/?product_cat=meio-ambiente



EDITORA KOTEV

Sintonizada com o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

CONHEÇA A EDITORA KOTEV. VISITE NOSSA HOME PAGE:

<http://kotev.com.br/>